

XÉNOS NO SOFISTA E SUA RELAÇÃO COM OS ESTRANGEIROS DE ATENAS E A TEORIA DO SER

Miguel Pereira Neto*

RESUMO:

Pretende-se analisar a importância do Xénos de Eléia do diálogo do Sofista na construção de uma teoria da diferença para revisão da teoria do ser. O Xénos representa uma visão filosófica estrangeira e ao mesmo tempo aparentada das visões da filosofia socrática exposta por Platão. O Xénos aparece como alguém que pretende entender o papel dos sofistas na maneira de convencer e na maneira de dizerem o falso, e de representar o estrangeiro como colaborador das posturas filosóficas e de um novo entendimento da teoria do ser, que era também estrangeira.

Palavras-chave: Xénos. Sofista. Ser.

Analisar o diálogo Sofista a partir da importância de seu personagem central e a relação desse personagem central com a questão da teoria do ser e do não ser é o enfoque nessa comunicação. O personagem central no Sofista é um *Xénos* pertinente a cidade de *Eléia* e que se insinua um seguidor das teorias de *Parmênides e Zenão*, também de *Eléia*. A relação com Eléia é um dos rastros essenciais do texto e demonstra a importância da teoria eleática e principalmente parmenídea sobre a questão do ser.

Importante analisar que o *Xénos* representa uma visão de fora da *pólis* ateniense na construção da teoria sobre o ser que é hospedado por Theodoro. A prática da hospitalidade é que permitiu na Hélade a presença de diversos sofistas e estrangeiros em geral para reformar os modelos da sociedade ateniense durante os séculos V e IV a.C. Interessante perceber que apenas pela prática da hospitalidade é que o diálogo é possível, tanto para Filósofos quanto para Sofistas.

A hospitalidade grega deve ser entendida como a propiciadora do diálogo com o estrangeiro, entendido aqui como o membro de culturas diferentes da de Atenas, dado que a tradução de *Xénos* contempla as duas concepções: a de estrangeiro e a de hóspede/visitante. As traduções disponíveis no Brasil em exemplo da Belle Letre preferem o termo referente a estrangeiro/*étrangère* para demonstrar a alteridade do personagem sem nome que conduz o diálogo Sofista, enquanto que a tradução em Inglês de Nicholas P. White utilizam *visitor*.

Na tradução em português lê-se:

Teodoro

-Fiéis ao engajamento de ontem, caro Sócrates, aqui estamos. Trouxemos conosco este estrangeiro natural de Eléia e que, aliás, é realmente um filósofo, pertencente ao círculo de Parmênides e Zenão.

Sócrates

- Caro Teodoro! Não terias trazido, sem saber, um deus em lugar de um estranho, para empregar uma expressão de Homero? Ele diz que, embora haja outros deuses companheiros dos homens que reverenciam a justiça, é especialmente o Deus dos Estrangeiros, que melhor pode avaliar a disparidade ou a equidade das ações humanas. Certamente quem te acompanha é um desses seres superiores que virá observar e contradizer, como refutador divino, a nós que somos fracos pensadores.

Teodoro

-Tal não é o costume do nosso estrangeiro, Sócrates. Ele é mais comedido do que os ardorosos amigos da Erística. Não o vejo como um deus, mas parece-me um ser divino, pois chamo assim todos os filósofos. (Sofista 216 a – 216 b).

O estranho segundo o argumento de Homero, também remete a aquilo que Jean Pierre Vernant denominou como culto ao *Zeus Xênios* (VERNANT, 1992); onde a hospitalidade era defendida por uma das várias designações do próprio *Zeus* e que seria castigados aqueles que não respeitassem o direito de hospitalidade daqueles que segundo Derrida (DERRIDA, 2003), revelassem seus nomes e sua origem. O respeito pelo *Xênia* está inserido no ponto de que os gregos tiveram uma relação profunda de aprendizado com outros povos desde tempos homéricos, onde o relato de fundação dos gregos relaciona-se aos bárbaros e as tradições de outros povos como os egípcios são densamente reconhecidas para a tradição grega.

Ponto importante é perceber que Sócrates entende que o Deus dos Estrangeiros é que pode melhor avaliar a disparidade ou a equidade das ações humanas, o estrangeiro como elemento divino que possibilita avaliações mais adequadas dos discursos e ações. Sócrates concorda com a ideia de que mesmo dentre outros deuses que reverenciam a justiça, o Deus dos estrangeiros é aquele que melhor o faz. O início do texto relata a importância de uma análise estrangeira para corrigir o modo de analisar que era empregado desde então. Segundo o personagem Teodoro, O *Xénos* seria um dentre esses homens que ele acha divinos por serem filósofos e não um Deus que veio para condenar os mortais por suas falhas.

Ainda que o *Xénos* seja dito como filósofo, seu nome não é revelado. A construção do diálogo permite personificar no estrangeiro, múltiplas vozes que falam sobre o ser e analise

da viabilidade da teoria do ser pelo viés parmenídeo. A questão do ser deve ser revisitada por um membro da Escola de Eléia para revisar o conceito de Parmênides de que “ Jamais obrigará os não-seres a ser [...]. Antes, afasta teu pensamento desse caminho de investigação” (Sofista 258 D). Se alguma alteração precisa ocorrer no entendimento, a alteração deve ocorrer por se compreender a questão do ser por vieses não apresentados por Parmênides e que precisam ser relacionados ao desenvolvimento de saberes sobre o ser que são conduzidos com as pesquisas dos sofistas, principalmente. Se Platão é conhecido em abordagens como a de Kerferd (KERFERD, 2003) e tantas outras como aquele que condena o viés sofístico de relativizar os problemas do ser e da ética, também é um grande divulgador do pensamento sofístico em sua importância para o mundo helênico clássico.

Gerações diferentes de pesquisadores agora apresentam a importância da sofística para a História do pensamento tais quais Werner W. Jäger (JÄGER, 1994) em sua abordagem clássica que enfatiza a importância da sofística para o desenvolvimento da Paidéia grega e da difusão de saberes até Barbara Cassin (CASSIN, 2005) que através dos estudos principalmente dos próprios sofistas analisa a perspectiva da retórica e relativiza a exclusão do discurso sofístico apontando elementos em que Platão fundou a exclusão dos sofistas como filósofos.

O professor Markus Figueira concorda com a argumentação de Cassin e explica:

Ora, há quem diga que não era este o projeto da sofística e de fato não podemos reduzir a contribuição dos sofistas ao mau uso que fizeram dos seus pensamentos. Entretanto tal perigo sempre existiu. Para os sofistas gregos na Antiguidade Clássica, a produção dos discursos, o uso e o domínio da *téchne* discursiva eram criativos, agradáveis, pois, segundo eles mesmos, produziam subjetividades felizes e bem logradas. (SILVA, 2004)

Se os saberes dos sofistas estavam ligados a uma *téchne* de produzir os discursos, enquanto argumento denominado por Platão como retórica para diferenciar os discursos sem comprometimento ético daqueles que não participam da democracia das cidades estado por não manterem-se estrangeiros das grandes cidades ao invés de cidadãos das próprias cidades de origem. Os sofistas promovem pensar a relação do ser a partir daqueles que não são, pois dizem o falso. O conjunto de investigações promovidas pelos sofistas com relação a questão do ser e a presença deles como elementos outros dentro das perspectivas das cidades-estados helênicas, promoveram conceitos importantes que não poderiam mais ser negadas pela Escola

de Eléia.

Fazendo algumas relações com a *República*, o lugar social do Sofista Trasímaco era como o de hóspede na casa do meteco (outra palavra para designar estrangeiro) Céfalo. O exemplo de Polemarco que foi herdeiro do diálogo de Céfalo no Livro I mostra um caso de personagem que continua uma linhagem a partir de uma pertencimento familiar comum, como no caso estrangeiro de Eléia e Sócrates que representam “filhos” intelectuais do pensamento de Parmênides.

O conjunto dos seguidores dos diálogos que buscam responder ao problema do que qualifica o Sofista, o Político e o Filósofo constituem a semelhança física conversando com a semelhança epistêmica para determinar o Sofista (Teeteto e Xénos de Eléia); a semelhança do nome e a semelhança epistêmica para conceituar o Político (Jovem Sócrates e Estrangeiro de Eléia) e se perdeu no tempo como o Filósofo deveria ser conceituado pelos herdeiros do logos socrático como conceitua Hector Benoit:

Três herdeiros do logos socrático os substituirão aqui, e em certo sentido, para sempre: o jovem Teeteto, semelhante a ele fisicamente; o jovem Sócrates, semelhante pelo nome; e o Estrangeiro de Eléia, semelhante pelo mesmo “pai” conceitual, Parmênides, o filósofo do Ser. (BENOIT, 1986, 87)

As semelhanças do *Xénos* de Eléia com Sócrates estariam por ele ser o “porta-voz” da *orthodoxa*, ocupando uma função que é protagonizada por Sócrates em diversos diálogos entendidos como uma fase socrática da produção platônica. O método do eleata seria semelhante ao de Sócrates, mas não teria a característica “ironia” socrática tão evidente como no célebre ateniense. A discussão também se caracterizaria por estabelecer através de analogias e dialética, num diálogo em que os demais interlocutores depurassem o entendimento e acompanhassem o método empregado para o exercício de produção de conhecimento filosófico.

A diferença essencial entre Sócrates e o estrangeiro está na aceitação do “parricídio” para que a discussão contemple a diversidade das questões do ser em relação ao movimento. Uma análise que contemple as diferenças que os Sofistas suscitam por dizerem o falso faz com que a teoria daquilo que não é não possa ser nem pronunciado de Parmênides tenha se encontrado ineficaz para explicar essas diferenças que se apresentam no pensamento da Atenas Clássica.

Numa análise extensa sobre a questão da diferença no diálogo Sofista, Marcelo Pimenta Marques analisa o léxico sobre a diferença na questão do ser e procura mostrar a importância dos usos de termos como *thateron* e *heteron* para entendimento das questões da diferença para análise da questão do ser (MARQUES, 2006). Assim como vários intérpretes do diálogo Sofista, Marcelo relaciona o estrangeiro ao modo de analisar a questão do ser em Parmênides e fala da importância da *Xênia* desde Homero, como discurso que legitima o papel do estrangeiro na construção do diálogo, mas principalmente da capacidade do sofista de produzir imagens falsas e de como isso impulsiona o olhar da diferença.

O diálogo Sofista tem relações muito restritas com vários diálogos, mas principalmente com o Parmênides, Górgias, Protágoras, Político e Teeteto, que apresentam personagens e problemas centrais na construção da ideia de ser e da ideia de estrangeiro que Platão tomará em diálogos da chamada fase de maturidade. É retomado do diálogo Parmênides o conceito do Um e da multiplicidade e se relacionam as pesquisas engajadas no Górgias e no Protágoras do entendimento do saber sofístico principalmente, assim como Teeteto participou de um diálogo sobre o saber e o Jovem Sócrates continua o diálogo acerca de descobrir a natureza do Sofista, do Político e do Filósofo.

As questões da técnica e sofística de produzir discursos falsos que servem para finalidades políticas na cidade decadente, se relaciona com a dimensão que se tem da produção de um espaço de saber que abandona a ideia daquilo que é uno em detrimento daquilo que é múltiplo. Dentre alguns diálogos de maturidade de Platão, se permite o desenhar personagens sem nome e que se apresentam como representantes de cidades importantes para a Filosofia como Eléia nos diálogos Sofista e Político e Atenas nas Leis, na tentativa de representar a multiplicidade das vozes que representam a disputa para compor cidades que pensem e que atuem de modo equilibrado sobre as coisas que são.

O critério que se pretende apresentar aqui é o de uma argumentação que busca uma generalização maior do que a permitida por um personagem definido, e que vise a contemplar questões já trabalhadas dentro da tessitura da obra platônica de forma a compreender o papel de outros personagens na construção das ideias presentes na Hélade. Como argumenta Elianne Cristina de Souza (SOUZA, 2009) as teorias expostas na obra sofista tem relação com pensadores com Antístenes, Górgias, Protágoras, Parmênides enquanto paradigmas do problema do ser e da construção de saber em Atenas.

O argumento de Elianne Cristina de Souza, se fundamenta também nas abordagens de Gregory Vlastos que estabelece o referencial de *kosmos* em Platão a partir dos conceitos *lógos* de Heráclito (VLASTOS, 1987). O mundo conceitual de Platão, para Vlastos, está

inserido na dinâmica de que o *lógos* é o elemento essencial que coordena o entendimento do mundo. A visão de Platão contempla diferenças e até estrangeirismos, se entendermos que não apenas aos atenienses que se dá voz nos diálogos de Platão, mas também a estrangeiros, sofistas e mesmo para escravos, metecos e mulheres.

Com a ideia de logos permeando a construção da teoria do ser, Platão responde a Górgias em seu Tratado sobre o não ser e sobre a relatividade de Protágoras do homem como medida de todas as coisas, dando o devido valor as teorias de seus rivais que não contemplam a teoria daquilo que é Uno e verdadeiro. Os diálogos permitem transparecer vozes diversas e o Sofista é um diálogo que repensa Parmênides por causa da influência sofística de pensar o não ser; através da argumentação de um mundo conceitual em que o logos determina a origem das coisas.

Ainda que contrariando as teses sofísticas e tendo que gerar o parricídio do pai Parmênides, o Sofista hospeda todo o conjunto filosófico já exposto para contemplar a questão do ser, pensada por toda a Hélade com contribuições diversas que desqualificam e revalidam o ser como centro da construção da verdade. Talvez discutir se o Xénos seria um Deus, seja o recurso de Platão para reproduzir aquilo que Parmênides afirmou ser a única forma de se chegar até a verdade que é se deixando carregar pela deusa.

O Xénos carrega o diálogo sobre o ser de forma que continue o viés socrático, já que Sócrates também se afirmou como sendo alguém a serviço do Deus na **Apologia**. Se Sócrates e o Xénos são homens divinos por serem filósofos, eles são capazes de conduzir os homens através de seus métodos para perceberem as diferenças e as incongruências dos discursos que buscam saber sobre a verdade. Sócrates também revela que o método do eleata talvez seja ainda maior do que o método socrático, pois o deus estrangeiro é mais capaz de analisar as incoerências do diálogo dos pensadores fracos.

No sentido de analisar os pensadores Sócrates e o eleata pelo viés de serem homens divinos é necessário pensar no papel que os deuses desempenhavam na proteção das cidades. Marcel Detienne (DETIENNE, 1992), enfatiza a importância dos deuses políades na construção das cidades e na defesa delas na condição de cidadãos da polis que é fundada sobre seus deuses. A mitologia tem uma função de proteção e confirmação da cidadania, nesse sentido o pensamento adequado sobre as questões do ser é repensar a atuação estrangeira na cidade de forma adequada.

Sócrates começa por duvidar de seu sucessor no diálogo Sofista, mas no começo do diálogo Político o apreço pelo estrangeiro é demonstrado e isso indica uma concordância com os rumos tomados pela investigação do eleata. A diferença, representada pelo Xénos de Eléia,

era necessária para dar continuidade ao exercício da Filosofia como pensamento sobre a diferença e que contemple a diferença por esclarecer os aspectos do Uno que não foram entendidos pelos mortais.

REFERÊNCIAS

Fontes

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. *O Sofista*. In: Diálogo: O Banquete; Fédon ; Sofista ; Político. seleção de textos de José Américo Motta Pessanha ; tradução e notas de José Cavalcante de Souza (O Banquete), Jorge Paleikat e João Cruz Costa (Fédon, Sofista, Político). -. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *Parmênides*. Trad. Maura Iglésias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2003.

PLATON. *Oeuvres complètes*. Paris :Les Belles Lettres, 1930.

PLATO. *Plato Complete Works*. S.L: Hackett Publishing Company, 1997.

Outras referências

BENOIT, Hector. *Sócrates: o nascimento da razão negativa*. São Paulo: Moderna, 1996.

CASSIN, Bárbara. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed.34, 2005

DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Trad. André Telles, Gilza Martins Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: UnB, 1992.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia: A formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KERFERD, G. B. *O Movimento Sofista*. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARQUES, Marcelo Pimenta. *Platão, pensador da diferença: Uma leitura do sofista*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

SILVA, Markus Figueira da. Sedução e Persuasão: os “deliciosos” perigos da sofística. In: *Cadernos Cedes: A Filosofia e seu ensino*. V. 24, n.64, dez. 2004.

SOUZA, Eliane Christina. *Discurso e Ontologia no Sofista*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Trad. Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papirus, 1992.

VLASTOS, Gregory. *O universo de Platão*. Trad. Maria Luiza Monteiro Sallescoroa. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1987.

_____. *Platonic Studies*. Princeton: Princeton University, 1973.